



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

TRABALHO DE FIM DE CURSO

Estratégias de casamento no meio urbano: Caso de estudo no bairro da Coop, Cidade de Maputo

Projecto de investigação apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Supervisanda- ISABEL CHIQUELE

Supervisora- dra. MARGARIDA PAULO

Maputo, Novembro de 2009

ÍNDICE

Índice	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv-v
1. Introdução.....	1-2
1.1. Problemática	2
1.2. Pergunta de Partida.....	2-4
1.3. Objectivos	4
2. Revisão Bibliográfica	4-6
2.1. Definição de conceitos	6-7
3. Hipóteses	8
4. Metodologia	8-9
5. Breve descrição da cidade de Maputo	9-10
6. Estratégias de casamento na cidade de Maputo	10-21
6.1. O lobolo como forma de legitimação da união	15-17
6.2. O casamento civil	17-18
6.3. O lugar da mulher no casamento	18-21
7. Considerações finais	21-23
Referências	24-25
Anexos	



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Ivone Silvestre Mahotas Titos, que nunca mediu esforços para a educação dos seus filhos, mesmo diante das maiores provações ela reuniu forças para ultrapassá-las e nunca vergou.



AGRADECIMENTOS

Os meus mais sinceros agradecimentos vão para a minha supervisora dra. Margarida Paulo que contribuiu com o seus conhecimentos, paciência e dedicação para que este trabalho se concretizasse.

Agradeço ao Departamento de Antropologia e Arqueologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, que persuadiu não só a mim, mas a todos os outros estudantes que ainda não tivessem defendido a fazê-lo.

Um especial obrigado vai a minha família e a todos os casais que com seus testemunhos tornaram possível este trabalho.

1. INTRODUÇÃO

Quando falamos de casamento não nos referimos, simplesmente, a união de duas pessoas, mas falamos de um acto social que envolve pais, irmãos, tios e avós. É falar, muitas vezes, de grupos distintos com hábitos e costumes que os diferenciam ainda mais um dos outros. Propomo-nos neste estudo a perceber as estratégias de casamento adoptadas na cidade de Maputo, que aspectos são tomados em conta, que aspectos são deixados de fora e o porquê da escolha de um aspecto em detrimento de outro.

Partimos de um princípio importantíssimo em Antropologia, o princípio no qual todas as sociedades até as mais desenvolvidas têm regras e restrições sobre quem deve casar com quem (Gomes 1995:47).

Actualmente, assiste-se a um cenário em que as raparigas casam-se já tendo perdido a virgindade e por vezes já são mães. Este tipo de relações eram desencorajadas pelas famílias. As relações sexuais pré-maritais são desencorajadas, de uma forma geral para os elementos do sexo feminino, quer pelos pais quer pelas igrejas que através dos seus ensinamentos condenam as relações sexuais antes do casamento (Loforte 1996:275).

A cidade de Maputo devido as aparentes facilidades de negócio é o local preferencial de pessoas vindas de todos os locais do país, situação esta que faz com que seja o local onde mais se nota uma diversidade étnica cuja a maioria adoptou um estilo de vida cosmopolita.

Segundo Radcliffe-Brown (1982:11) para entendermos qualquer aspecto social económico, político ou religioso de uma sociedade africana é essencial compreender as regras de casamento e de parentesco. Seguindo este fio de pensamento pode-se afirmar

que qualquer união matrimonial tem o aspecto económico empregado nele mesmo por vezes de maneira não explícita.

O bairro da Coop foi o escolhido para o nosso estudo. O que se pretende aqui é compreender até que ponto as estratégias de casamento adoptadas pelos jovens, actualmente, comungam com as estratégias adoptadas por gerações anteriores. Quer-se saber se há uma ruptura ou continuidade com os hábitos e costumes tradicionais e se em caso de ruptura será legítimo dizer que se está perante uma nova estratégia de casamento.

O trabalho tem a seguinte estrutura: primeiro, introduzimos o assunto que nos propomos a abordar, a problemática, a pergunta de partida e os objectivos. Segundo, fazemos a revisão bibliográfica e definimos os conceitos. Terceiro, levantamos as hipóteses. Quarto, apresentamos a metodologia usada no estudo. Quinto, fazemos uma breve descrição da área de estudo. Sexto, apresentamos os resultados do estudo sobre as estratégias de casamento na cidade de Maputo. Sétimo, fazemos as considerações finais.

1.1. PROBLEMÁTICA

Sem desmerecer os factores biológicos do matrimónio, na união entre homens e mulheres, deve-se insistir no seu aspecto cultural. Ele implica não apenas as relações sexuais com vista a reprodução, exige também uma aprovação social. Todas as sociedades atribuem ao casamento uma importância considerável e para os nubentes, em geral, o casamento representa um momento importantíssimo de suas vidas. Ele propicia uma transformação nas personalidades dos nubentes, dando-lhes um outro papel ou conjunto de papéis.

Segundo Bourdieu (1976) o casamento é dito preferencial quando apenas se considera desejável que o indivíduo despose uma mulher de determinada categoria social. Pode-se dizer que o casamento moderno é deste tipo, não se obrigam ricos a casar com ricos nem pobres com pobres, mas é desejável que isto aconteça. Será que as estratégias de

casamento na cidade de Maputo implicam olhar para a situação sócio-económica dos cônjuges? Esta exigência é só em relação aos próprios noivos ou é extensivo as respectivas famílias?

Por vezes acontecia, que o casamento de dois indivíduos era combinado pelas famílias, quando ambos ou pelo menos um deles era pequeno. Os pais do rapaz davam aos pais da rapariga uma pequena soma em dinheiro, para mostrarem a seriedade do compromisso (Oliveira 1976:90).

Nos primeiros anos da independência na legislação moçambicana tentou fazer-se uma adaptação referente ao direito da família, onde o casamento não poligâmico celebrado segundo a lei tradicional, tem uma cobertura dada pelo registo civil. Reconhecem-se a união de facto, o lobolo, o casamento tradicional, que assume, diferentes formas de acordo com a região (WLSA, MOZ 1998:45).

Na perspectiva de Gomes (1995:76) nas sociedades de pequena escala é muito frequente o casamento prescrito, isto é, aquele casamento compulsório e pré-estabelecido, onde as pessoas ao nascerem estão comprometidas com outros, tendo em vista um casamento futuro ou antecipado.

De acordo com Oliveira (1976) entre os Tauaras do vale do Zambeze o casamento de dois indivíduos é combinado pelas respectivas famílias para reforçar as alianças. Para Bourdieu (1976) os pais assumem um papel activo na escolha da noiva para o filho.

Com base na afirmação de Oliveira (idem) questionamo-nos se na cidade de Maputo os casamentos podem ser prescritos ou combinados. Se os noivos são passivos na escolha de suas esposas, atribuindo o protagonismo da escolha a seus pais? Ou se os casamentos prescritos têm mais probabilidade de vingar em relação ao matrimónio onde o noivo que de forma individual escolhe a noiva?



1.2. PERGUNTA DE PARTIDA

Como fio condutor deste trabalho elaboramos a seguinte questão de partida: quais são as estratégias de casamento adoptadas pelos jovens na cidade de Maputo? Pode-se falar numa ruptura com hábitos e costumes tradicionais?

1.3. OBJECTIVOS

Geral

Tendo em conta que as estratégias de casamento são o espelho da vida social de qualquer sociedade, este trabalho tem como objectivo geral, perceber as estratégias de casamento adoptadas pelos jovens que vivem no bairro da Coop, cidade de Maputo.

Específicos

Constituem objectivos específicos:

Até que ponto os hábitos e costumes tradicionais são importantes na decisão de se unir a alguém?

Em que medida o nível sócio- económico influencia nas estratégias de casamento dos entrevistados?

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Apesar de, actualmente, o casamento tender a transformar-se numa escolha mútua individual, sabe-se que implica a união de duas famílias. Daí que as famílias dos futuros nubentes tanto se empenham em incentivar certas uniões e desencorajar outras. O matrimónio já foi responsável pelo aplacamento de ódio e querelas. É visível que se dá

uma grande importância ao casamento, que a família dos noivos tem sempre uma palavra a dizer sobre a escolha que os seus filhos fazem.

De acordo com Fox (1986:23) o casamento é õuma união mais ou menos durável entre homem e mulher que vai além do acto de reprodução e até do nascimento dos filhosö. Esta definição é ampla mas não cria uma distinção entre casamento e as uniões temporárias. õUm elevado número de esposas é sinónimo de prestígio e prosperidade...ö (Loforte 1996:114). Oliveira (1976:88) secunda esta ideia dizendo que entre os Tauras do Zambeze õ...um homem só com uma mulher é como se tivesse um olhoö.

Entre os swazi, os casamentos baseados na afeição mútua são comuns, mas nos lares polígenos tal facto confere um *status* inferior à mulher e aos seus filhos em comparação com os casamentos arranjados pelos pais ou casamentos preferenciais (Radcliffe-Brown 1982).

Desde a emergência da antropologia que as suas obras são dominadas por obras relativas ao parentesco e casamento. Para Radcliffe-Brown (1982:14) duas pessoas são parentes quando uma descende da outra, ou quando são ambas descendentes de um ancestral comum. As pessoas são cognantes quando descendem de um antepassado ou antepassada comum contando-se a descendência em linha varonil ou uterina.

Quando as populações humanas começaram a crescer, as regras de parentesco eram os princípios de organização mais importantes, e elas transformaram a família e o parentesco em fenómeno muito mais complexo. O parentesco tornou-se na essência, o equivalente funcional das organizações burocráticas, e milhares de pessoas ou na maior parte dos casos puderam se organizar por uma regra de descendência visto que ela determinava a natureza de outras regras de parentesco (Bourdieu 1992:91).

Segundo Meenda (1992) são nas formas mais elaboradas de parentesco que as maiores desigualdades podem ser enfatizadas. As diferenças de poder e autoridade dos homens e

mulheres criam tensões que explodem, porém mas, frequentemente, são controladas por normas poderosas sobre o lugar da mulher na família, pelo potencial coercitivo do homem e pelas tensões diárias.

Relativamente a família, Gomes (1995:121) vê-a como a menor unidade social ligada por laços de consanguinidade, afinidade e adoção. Na família pode-se discernir várias instituições familiares que são, universalmente, conhecidas embora em cada sociedade elas assumam formas diferentes. Radcliffe-Brown (1982) é da opinião que a unidade doméstica básica entre os Mayombe é a família poligínica é composta por um homem e as suas esposas.

De acordo com Radcliffe-Brown (1982) as regras de parentesco definem onde e com quem o casal vai morar depois do casamento. Estas são denominadas regras de residência, com diversos padrões que dominam a história do parentesco. Em geral as regras de descendência determinam as regras de residência, mas nem sempre o que pode levar a situações constrangedoras quando o poder, a propriedade e a autoridade não correspondem ao local onde as pessoas moram.

2.1. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Casamento

Refere-se aos arranjos para a união aprovadas pela sociedade com referência especial ao relacionamento institucionalizado de marido e mulher, designa-se também as cerimónias que servem para estabelecer tais relacionamentos. Nas sociedades modernas o uso geral do termo segue tal definição, mas os arranjos para tal união nas sociedades estudadas pelos antropólogos revelam tanta diversidade que é impossível encontrar uma definição bastante ampla e que não seja terminológica.

Em muitas sociedades o casamento deve ocorrer fora da unidade familiar ou da comunidade como um todo (regra de exogamia) ou por vezes dentro de um grupo específico (regra de endogamia) sempre o casamento foi delimitado pela proibição do incesto, proibindo as relações sexuais e casamento entre pais e filhos bem como entre parentes mais íntimos. Entende-se por incesto as relações heterossexuais entre membros da família nuclear e por extensão entre membros e familiares dos que estão fora da família nuclear.

Os parentes consanguíneos não podem casar com as mulheres do seu grupo, sendo deste modo obrigadas a casar com mulheres de um outro grupo (Oliveira 1976:98). A exogamia traz consigo a proibição do incesto, na medida em que obriga que as relações sexuais e casamentos sejam feitos fora do seu grupo ou da sua comunidade.

Família

A tendência da família humana sempre foi de romper os limites biológicos criadas, por exemplo, pelo relacionamento sexual e pela reprodução social como a adoção do parentesco fictício. Em diversas sociedades é comum estabelecer-se o parentesco através da linha materna (Gomes 1995:35). Pode então ocorrer que o tio materno e não o pai biológico, seja o verdadeiro chefe de família.

Por extensão, nenhuma diferença significativa se estabelece entre filho de um irmão da mãe e o filho de um irmão do pai. Segundo Radcliffe-Brown (1982) em Montenegro pelo contrário, para tomar uma outra língua europeia, deparamos com um sistema diferente. O irmão do pai é chamado *stric* e a sua mulher é *strina*, enquanto que o irmão da mãe é *ujak* e a sua mulher *ujna*, e as relações sociais de um homem em face das suas espécies de tios denotam diferenças vincadas.

De acordo com Radcliffe-Brown (1982:316) entre os Ashanti a família elementar é o núcleo do lar, mas a maioria dos homens mais velhos têm mais que duas esposas. Nos

casais poliginistas cada mulher tem direito de ocupar uma casa separada que é dada pelo marido, e detém propriedade individual sobre os alimentos e equipamentos domésticos.

3. HIPÓTESES

Partindo do princípio que a cidade de Maputo é habitada por vários grupos étnicos, cuja a maioria adoptou um estilo de vida cosmopolita em detrimento dos hábitos e costumes tradicionais, somos levados a afirmar que, diferentemente, das estratégias adoptadas no meio rural, onde se tem em conta o interesse da colectividade, na cidade de Maputo podemos falar de escolhas individuais com interesses singularizados com vista a auto satisfação.

Os ricos não são obrigados a casarem-se com os ricos nem os pobres com pobres, acredita-se, que casamentos entre pessoas do mesmo nível social e económico, tem mais probabilidade de vingar, do que em situação contrária, principalmente, se for o noivo a fazer um casamento hipergâmico. Podemos avançar desde já que a situação sócio-económica é uma determinante que se toma em conta na hora de se escolher o(a) companheiro(a).

4. METODOLOGIA

O estudo sobre as estratégias de casamento no meio urbano foi feito tendo em conta a componente cultural, na medida que é nosso principal objectivo entender como os aspectos da modernidade influenciam na tradição, se há um ponto de colisão entre o moderno e o tradicional, ou se o primeiro altera o segundo mas sem fazê-lo desaparecer.

O grupo alvo é composto por indivíduos com idades compreendidas entre 25 a 35 anos de idade e que vivem de forma permanente na Cidade de Maputo. Na escolha dos casais não foi tomado em consideração a nacionalidade, etnia, religião e lugar de nascimento.

O questionário foi o mesmo tanto para os homens como para as mulheres. Optou-se por separar os casais, cada cônjuge era entrevistado, individualmente, para que não houvesse qualquer tipo de inibição na hora de responder a certas questões.

Observou-se, na entrevista aos dois primeiros casais, que havia uma certa inibição em falar das relações passadas, principalmente, quando se pedia para falar do motivo da separação. Foram feitas vinte entrevistas, o que corresponde a duas entrevistas a cada casal.

5. BREVE DESCRIÇÃO DA CIDADE DE MAPUTO

O Município da Cidade de Maputo, actual capital da República de Moçambique, fica localizado no extremo sul do país, ao Norte do estuário do Rio Maputo. A sua delimitação geográfica abrange uma área de 466 km² a Norte e Sul da baía de Maputo, onde desaguam os rios Tembe, Matola, Umbeluzi e Infulene. A cidade é, fundamentalmente, constituída por acácias e jacardas, daí o nome de "Cidade das Acácias" (Lobato 1970).

No passado o território encontrava-se sob jurisdição do régulo Maputy, filho do régulo Nuagobe da Catembe e incluía, dentro da sua área, as terras situadas na margem direita do Rio Maputo, desde Inhaca, ao Norte até as terras de Sangandade e Mepelenda. O local era então conhecido, entre os naturais, por ka-nfumo que em ronga significa centro administrativo (idem).

No século XIX, D. João III, ordenou que o local passasse a chamar-se Lourenço Marques em memória a um dos marinheiros de Vasco da Gama, porém entre a população africana o local ficou conhecido por Xilugine, o que significa casa dos brancos em ronga. A povoação foi criada pelo regimento de 25 de Novembro de 1781, elevado a categoria de

vila em 19 de Dezembro de 1876 e ao estatuto de cidade a 10 de Novembro de 1887 (idem).

A população da cidade de Maputo é, actualmente, constituída por 1.544.681, sendo 48,8% homens e 51,2% mulheres. Maputo Cidade é, maioritariamente, constituída por uma população jovem (INE 2003).

A economia da cidade de Maputo está, essencialmente, virada para a indústria, comércio e serviços. Possui o principal porto do país, considerado o segundo em toda a costa oriental de África devido a dimensão, capacidade de manuseamento de carga (Lobato 1970).

A cidade de Maputo com suas especificidades é marcada por bairros onde se mistura o urbano e o rural um local físico de interações sociais, onde idéias e serviços circulam e recebem seu valor social e económico. É assim que por vezes as identidades étnicas acabam por funcionar como fenómenos agregadores, para criar e reforçar pertenças, definir lealdades e formas de poder (Serra 2000:196).

6. ESTRATÉGIAS DE CASAMENTO NA CIDADE DE MAPUTO

Quando se pretende casar, vários são os aspectos levados em conta pelos nossos entrevistados, tais aspectos não tem uniformidade em relação as idades, sexo, cor da pele, religião e proveniência. Se entendermos etnicidade como uma construção social que serve para justificar a divisão e exclusão, isto é, se tomarmos a etnicidade como envolvendo grupos diferenciados, simbolicamente, marcados pela cultura e religião, Serra (2000:11) é legítimo afirmar que as estratégias de casamento na cidade de Maputo tem em conta a etnicidade.

(...) desde cedo foi me inculcido que o melhor era casar-me com alguém da nossa religião¹, que na sua maioria as mulheres cristãs são muito liberais, com ideias de igualdade entre homens e mulheres... de forma inconsciente foi assim que sempre fiz as minhas escolhas amorosas.

(Afzal, 33 anos de idade).

Nota-se que a família tem um papel decisivo na manutenção da ordem social, cultivando certos hábitos. ã... A identidade étnica é, frequentemente, utilizada como fenómeno agregador, para criar e reforçar pertenças, definir lealdades e formas de poderö (Serra 1991:196).

A minha família aprovou a nossa relação desde o início ... a posição social dele é um pouco superior a nossa e meus pais sempre defenderam que devíamos fazer um casamento que também nos desse segurança financeira.

(Cátia, 29 anos de idade).

Há uma certa tendência em todas as sociedades que os casamentos sejam entre indivíduos da mesma classe social. ã... Não se obrigam ricos a casarem-se com ricos nem pobres com pobres, mas é desejável que isso aconteçaö (Bourdieu 1976:121).

É desejo de todos os pais que os filhos realizem bons casamentos, onde a diferença sócio-económica é ínfima, para isso alguns parentes são protagonistas na escolha dos noivos e noivas dos seus filhos ou pelo menos aprovam-nos ou reprovam-nos de acordo com a sua posição social. Esta atitude tem em vista como nos diz Bourdieu (1976:122) ã...a maximização de vantagens e a minimização de custos simbólicosö.

Não se quer aqui afirmar que na Cidade de Maputo as uniões matrimoniais são todas realizadas entre indivíduos do mesmo nível social, mas é esperado que os homens e mulheres despossem parceiros do mesmo nível social.

¹ A sua religião é a Muçulmana.

No concernente a etnia notámos que mais de metade dos casais entrevistados eram da mesma etnia ou pertenciam a regiões próximas. Podemos notar que há uma tendência entre as famílias entrevistadas em reagrupar-se apelando a identidade étnica que por sua vez funciona como pilar para fixar e naturalizar as diferenças marcando assim os processos de exclusão e inclusão.

Estamos perante jovens que estão casados a mais de dois anos, e em relação ao facto de terem sido casados antes, deparamos com Fátima (32 anos de idade) que afirma ter sido casada e que dessa relação tem um filho. Como motivo da separação ela explica:

(...) com o tempo fomos perdendo o que meu pai deixou e, naturalmente, a diferença entre o nível de vida das nossas famílias acentuou-se... quando começaram os desentendimentos, próprios de uma relação a dois, a família dele já não estava tão certa de que eu era a mulher ideal para o filho... e os que no passado eram aliados tornaram-se inimigos.

Os pais e/ou os familiares mais próximos podem não escolher os companheiros para os seus filhos, mas eles incentivam ou desincentivam certas relações o que, geralmente, é tomado em consideração pelos filhos.

Constatou-se que em sete dos casais entrevistados a sua participação nas despesas domésticas é, relativamente, igual e que dentre estes, três esposas despendem mais em relação aos seus esposos.

Não são só as mulheres que tem o desejo de se casar com alguém que seja, economicamente, estável nós os homens também tomamos em consideração a estabilidade económica das nossas futuras companheiras.

(Wilson, 35 anos de idade).

Os protagonistas não vêem o casamento só como um meio para atingir estabilidade emocional, perpetuar seus nomes com o nascimento dos filhos e adquirir uma nova

posição perante a sociedade, mas também como um lugar onde se busca uma segurança económica.

O principal motivo que levou os casais a unirem-se foi o amor, a empatia que sentiram pelos seus parceiros. A visão comum sobre princípios ambições e perspectivas de vida. Questionados sobre a importância que dão ao casamento os casais foram unânimes em demonstrar grande respeito pelo casamento.

Para mim o casamento tem grande importância, é para toda a vida, o que lamento é o facto de, actualmente, dar-se muito valor a festa, a pompa e circunstância deixando de lado o que é, realmente, importante que é o sentimento... por isso separam-se tanto quanto se casam.

(Manuela, 29 anos de idade).

Segundo a nossa entrevistada o casamento não significa apenas a união de duas pessoas é como diz Bourdieu (1976: 237) a reprodução biológica, transmissão de valores culturais e simbólicos, de herança de bens matrimoniais e sucessão de cargos.

As pessoas deviam pensar melhor quando decidem casar-se para não terem que divorciar-se mais tarde, criando filhos separados dos pais.

(Fernando, 34 anos de idade).

Tanto os homens como as mulheres entrevistados olham para o casamento como uma união que não deve ser desfeita. O casamento não é um facto, meramente, cultural imposto pela lei, é algo bem mais fundamental que junta a natureza e a cultura; é uma associação indissolúvel entre o homem e a mulher.

Notamos que mais de metade dos nossos entrevistados estão unidos pelo lobolo, o que mostra, claramente, a grande importância dada a esta prática no sul do país. Como justificação para a escolha, os casais refugiam-se em imperativos financeiros e burocráticos, mas não abdicam no futuro de realizarem um casamento civil.

Nós já tínhamos um relacionamento sério, reconhecido pelas nossas famílias, mas quando engravidei vimos a necessidade de oficializar a relação. O lobolo surgiu como melhor opção do ponto de vista financeiro e porque teve que se fazer tudo as pressas.

(Manuela, 29 anos de idade).

Em alguns casos há uma convivência entre o lobolo e o casamento civil. Pode-se notar que na maioria dos casos em que estas duas formas de legitimação da união aparecem, o lobolo foi realizado na véspera da realização do casamento civil. Esta necessidade de realização do lobolo encontra justificação na seguinte afirmação:

O casamento tradicional é muito importante para as nossas famílias, é uma maneira de se obter a benção dos nossos antepassados, de lhes informar da nossa nova condição.

(Mateus, 30 anos de idade).

O casamento estabelece uma troca de serviços entre famílias em que o lobolo, tendo um fundamento económico e moral, estabiliza o matrimónio tornando o marido e a sua família responsáveis pela sua esposa (WLSA, MOZ 1998).

Os nossos entrevistados vêem o divórcio como uma falha, uma prova de insucesso de uma relação. Mas também são da opinião de que o divórcio tem que ser visto como uma oportunidade para os casais recomeçarem suas vidas.

Penso que quando já não há mais nada a fazer, as pessoas têm mesmo que se separar, principalmente, quando o casal tem filhos em comum, porque os aspectos mais negativos do desentendimento entre o casal prejudicam os filhos mais do que aos próprios pais.

(Habiba, 28 anos de idade).

Nós mulheres vivemos num dilema, por vezes temos que manter o casamento para poder dar um lar aos nossos filhos, mas outras vezes temos que aceitar a separação em nome desses mesmos filhos.

(Cátia, 29 anos de idade).

Os filhos aparecem como a mais importante contribuição do matrimónio. O nascimento dos filhos no interior do casamento, simboliza a produção comum que cria um laço indestrutível entre as famílias de ambos os cônjuges.

Os filhos amadurecem a relação, dão-nos mais sentido de responsabilidade, fazem-nos continuar vivos mesmo depois de mortos.

(Fernando, 34 anos de idade).

Os filhos aparecem como elementos decisivos na concretização da unidade familiar. Sem descendentes não haveria continuidade familiar, daí a necessidade de incorporar os símbolos identitários do grupo a medida que os novos membros da família vão nascendo (Lima 1999).

6.1. O lobolo como forma de legitimação da união

Quando falamos de casamento não só nos referimos ao casamento civil consagrado por lei, mas também ao casamento tradicional, neste caso o lobolo, que é uma prática típica do sul e centro do país. Apesar do facto do sul do país não ser somente habitado por pessoas do sul e centro.

A prática do lobolo é velha e bem estabilizada. É usada pelos pais para se referir a vantagem económica que se dá aos pais da noiva, resultante do casamento da filha. O lobolo serve para compensar, simbolicamente, o que se gastou na criação (educação) da filha e pela perda de um membro produtivo e reprodutivo.

O lobolo é, igualmente, um símbolo que concretiza a relação que é estabelecida entre duas famílias. E também o lobolo é um meio de se adquirir uma mulher para o irmão, primo ou até o pai da noiva.

De acordo com Granjo (2005:59) esta forma de legitimação da união entre dois indivíduos sofreu algumas mutações onde, actualmente, durante a celebração da cerimónia nota-se a utilização de notas grandes, para pagar onde em contexto urbano chega-se a pagar milhões de meticais. Oliveira (1976:90) afirma que com a crescente difusão da economia monetária passou-se a vulgarizar o preço da noiva.

O lobolo no sul de Moçambique era, originalmente, pago em gado bovino. Agora, como foi mencionado, anteriormente, assiste-se a uma quase total monetarização do lobolo que mantém uma ligação quase directa com as migrações para as minas da África do Sul, que assumiu um carácter massivo e continuado, desde pelo menos no início do domínio efectivo de Portugal sobre o território nacional (Granjo 2005:59). Radcliffe-Brown (1982:374) afirma que a mudança mais importante foi a substituição, por pagamento em dinheiro, da maioria dos presentes em espécie, como era costume no passado.

O outro aspecto que sofreu alteração, de acordo com Granjo (2005:61) é a não profusão de orações divinas, o que, geralmente, acontece quando as pessoas envolvidas não professam fé religiosa centrada em figuras divinas. Junod (1996:117) mostra que a profusão de orações durante a cerimónia era bastante importante, o pai fica de pé atrás dos recém-casados, olhando na direcção deles dirige-se aos deuses, isto é, aos manes dos antepassados. Esta oração tem a mesma função que o cinto simbólico, dar sorte a noiva.

Por fim quando o lobolo é pago na totalidade a noiva vai a aldeia do noivo, no dia seguinte, acompanhada pelas amigas. Dois dias depois ela regressa a sua antiga aldeia para levar os seus pertences que são constituídos por um cesto, uma esteira, e alguns utensílios que constituem o enxoval da noiva (Junod 1996:121). É importante frisar que a permanência da noiva no seu lar depende da aprovação dos vários membros da aldeia.

No quadro urbano actual, o lobolo costuma seguir uma fase em que os noivos já mantinham uma união de facto, nesse sentido não era de se esperar uma reversão da situação. ã... O tio materno identificou-o, genealógicamente, e informou aos antepassados que ele pretendia lobolar hoje a mãe de seus filhos (...) apresentando desculpas pelo atraso de doze anos e de dois filhos geradosö. Antes a mobilização dos recursos estava a cargo dos mais velhos da família, e por vezes excluindo o noivo. Actualmente, o noivo é que toma a dianteira, isto se não mobiliza todos os meios sozinho (Granjo 2005:51).

Podemos depreender que a variabilidade é bastante grande, acompanhando e adaptando esta instituição a diferentes circunstâncias. Apesar destas mutações, o lobolo continua a ser uma forma de legitimação conjugal, de controlo de descendência, de dignificação das partes envolvidas respeitada pela sociedade. Segundo Granjo (2005:21) ã... o lobolo não encontra em qualquer instituição matrimonial existente no seu contexto sociocultural um rival capaz de o destruirö.

Ao contrário do casamento civil acredita-se que o lobolo nunca acaba, que existe uma obrigação moral entre os pais dos noivos e familiares directos que nunca se quebrará. É importante salientar que existem vários tipos de lobolo: lobolo de uma mulher por um homem lobolo da mãe pelos seus filhos, lobolo da cunhada pelo cunhado, lobolo de uma mulher por uma outra.

Neste trabalho encontramos o lobolo de uma mulher por um homem. No sul do país o lobolo mantém um laço firme entre a esposa e o marido para que ela não fuja dele, caso contrário a família da noiva será obrigada a repor tudo o que foi gasto durante a cerimónia, para além de perderem credibilidade perante toda a comunidade.

O lobolo não se trata apenas da união de duas pessoas, de duas famílias, trata-se em grande parte da submissão da mulher em relação ao homem. Trata-se de passar a pertencer à família do homem, do marido ter plenos poderes em relação a esposa e em relação aos filhos que surgirem dessa união.

6.2. O casamento civil

Este tipo de união matrimonial tem várias limitações para a sua realização. Só podendo contrair matrimónio todos aqueles em relação aos quais não se verifique alguns impedimentos matrimoniais previstos por lei, como a idade, saúde mental ou casamento anterior não dissolvido, que pode ser religioso tradicional ou civil desde que se encontre, convenientemente, registado.

A realização desta união está sujeita a registo obrigatório e graves penalizações. Por exemplo, no caso de um dos envolvidos romper a sua promessa sem justa causa, deve indemnizar a parte inocente e a sua família pelas despesas contraídas para a realização do casamento. Esta indemnização é fixada segundo o prudente arbítrio do tribunal.

O casamento civil termina pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio que pode ser litigioso ou não litigioso. Para que o divórcio não seja litigioso depende da existência de acordos entre os cônjuges referentes a regulação do poder parental, acordo em relação aos bens do casal e prestação de alimentos ao cônjuge que deles careça.

6.3. O lugar da mulher no casamento

Falar de casamento é falar da maturação de uma relação, formação de família, para além do contrato social, mas é antes falar da relação entre homem e mulher por isso mostra-se pertinente fazer uma abordagem sobre os papéis que estes dois intervenientes desempenham na família e na sociedade.

A distinção entre sexo e género é feita com base em critério social. O termo sexo é restrito aos casos em que a distinção é feita com base num critério biológico, mas o género é nos apresentado com base em sinais corporais e comportamentais. Quando a diferença é feita com base no critério social, é chamado diferença de género, portanto é de esperar que as diferenças biológicas vem para contribuir para a diferença de género.

Na perspectiva de Mbilinyi (1996:132) a sociedade percebe que à mulher é reservado o papel de submissa e ao homem um papel mais activo. E, geralmente, os contextos de trabalho ou aqueles que evocam situações e dimensões ligadas ao exercício da actividade profissional são, particularmente, facilitadores da expressão da identidade dominante dos homens e identidade dominada das mulheres. As mulheres são remetidas a uma condição colectiva, não aceitando a diferenciação ou desvalorizando-se a si próprias e ao seu grupo e os homens, pelo contrário assumem a sua singularidade, tornando-se mais discriminantes em relação as mulheres (Meenda 1992:93).

Quando a categorização sexual se torna saliente, observa-se desde logo a dificuldade sentida pelas mulheres na construção da imagem de si próprias, uma vez que a concepção do feminino dilui a identidade dos indivíduos no seio do colectivo, e define, ao mesmo tempo, um modo de ser, socialmente, valorizada pelas mulheres (Amâncio 1992:123).

Em Economia das trocas simbólicas Bourdieu (1992) afirma que é no quadro do universo simbólico que se constroi a identidade de homens e mulheres e ainda fornece recursos para a construção da realidade em que estão inseridos.

De acordo com Amâncio (1992:97) a sexualidade não apenas produz um indivíduo social, mas legitima através das suas regras e discussões diversas formas de dominação masculina, que apresenta como universal, colocando as mulheres como vítimas passivas dessa dominação, tem origem na exclusão das mulheres dos processos de decisão política e económica e do acesso privilegiado dos homens aos recursos.

É notório que a perda da auto-estima e controlo no casamento, traz elevados custos para a mulher, que reflectem com grande incidência em perturbações mentais e depressões. Esses sintomas registam-se mais em mulheres casadas que solteiras e ou divorciadas. Para a mulher a função mais evidente é a de reprodutora, o que determina o estrito controlo exercido pelo colectivo em relação a sexualidade afim de assegurar a sua perpetuação e aumento dos efectivos (idem).

É nesta óptica que se define que o lugar da mulher é a casa e que seu mais importante valor social e sua função de mãe e de esposa, o que se pressupõe que faz com que ela realize o seu trabalho com afinco.

Esta visão masculinizada da sociedade ignora o facto de que a identidade de género não coincide, obrigatoriamente, com o sexo, nem é pre-ordenada por cromossomas sexuais, tanto que algumas vezes notam-se grandes incongruências na identidade de género, exemplo disso são os transsexuais e os homossexuais.

Nas zonas rurais as mulheres são as principais responsáveis pelo auto-sustento, o que significa que o sustento da casa depende de forma constante e regular do trabalho da mulher. Por sua vez nas zonas urbanas, além do trabalho doméstico, a mulher desenvolve outras actividades fora de casa afim de complementar as receitas da família (WLSA, MOZ 1998:36).

Mas estes dois aspectos não alteram as relações dentro da família, continuando a mulher a ocupar a posição definida pelo género e cabendo ao homem a ocupação do espaço público. Mesmo exercendo actividades fora do lar existe a expectativa de que o lugar da mulher continua sendo a casa (idem).

Por vezes a mulher é que garante o sustento de toda a família, mas continua sendo o esposo o chefe da família. De acordo com Loforte (1996:244) o poder relativo dos homens e mulheres não podem ser vistos em termos de salários auferidos no mercado de

trabalho, pois os rendimentos ganhos não traduzem, necessariamente, iguais mecanismos de trabalho.

A não ocupação de lugares privilegiados é também visível na religião, por exemplo, numa Igreja Zione a mulher tem um espaço social de destaque, ela é chamada para resolver vários problemas conjugais e é conhecida como uma pessoa influente na comunidade, contudo ela não atinge lugares proeminentes na hierarquia da igreja.

A diferenciação de género pode, igualmente, ser vista em caso de viuvez, onde as mulheres são desencorajadas a voltar a casar-se, enquanto que os homens são encorajados a ter uma nova relação.

Na teoria, o casamento, traz mudanças para ambos os sexos; a mulher torna-se esposa e, normalmente, mãe, enquanto o homem torna-se marido e, normalmente, pai. Mas também é normal que o homem assuma o papel de pai fora do casamento.

A diferenciação acentua-se mais quando se trata de divórcio. Para o homem, frequentemente, é fácil a obtenção do divórcio. Um homem que queira divorciar-se não precisa de invocar qualquer fundamento, basta mandar a esposa para casa de seus pais, pelo contrário, a mulher tem que recorrer ao tribunal e só depois de muitos fundamentos poderá obter o divórcio (Radcliffe-Brown 1982).

A sociedade é tolerante com os homens, mas severa com as mulheres. A sociedade condena as mulheres separadas (...) de alguma maneira culpam-lhe por não ter sabido manter o casamento.

(Carla, 35 anos de idade).

O direito moçambicano preconiza a igualdade entre o homem e a mulher. O adultério do homem não constitui motivo para que haja divórcio. Adultério é apenas considerado uma

falta grave se for cometido pela mulher, e neste caso ela perde todos os direitos em relação aos filhos.

Muito embora a situação de desigualdade entre o homem e a mulher seja uma realidade em todas as regiões, independentemente, da linhagem de filiação, a mulher, nas sociedades matrilineares ocupa uma posição privilegiada.

As obrigações dentro do casamento acabam tornando-se diferentes para os homens e mulheres. A preocupação do homem cinge-se no trabalho e na família directa. Para a mulher os mais importantes são as outras pessoas, tais como: o marido, os filhos e os netos.

Mas não podemos pensar que as categorias de género são imutáveis, porque na sua composição, categorias como idade, estatuto social poder económico, grupo social de pertença e contexto histórico promovem diferenças entre pessoas do mesmo género. Constatou-se que a posição que as nossas entrevistadas ocupam hoje não é a mesma que a das mulheres, das suas famílias de gerações anteriores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família continua a ser um lugar de produção e reprodução das identidades individuais. Os sinais da modernidade não são senão aparentes, apesar das lógicas antigas estarem impregnadas de aspectos da modernidade e dos novos códigos familiares encontrarem novos campos de extensão.

Para as famílias entrevistadas, os projectos de vida e escolhas individuais não são, exclusivamente, pessoais mas são condicionados pelos contextos sócio-culturais em que vivemos, por isso o casamento torna-se um passo importante para a continuação da grande família cuja importância vai mais além de uma realização pessoal.



PDF Complete
*Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

É notável que existam transformações surgidas do impacto das colonizações, da economia de mercado e mais, recentemente, das acções de desenvolvimento sobre este ou aquele grupo étnico e muito, frequentemente, apesar de sua destruição parcial estas instituições revelam-se sempre eficazes permanecendo os modos de filiação, as regras e as práticas matrimoniais (Goody 1987:246).

No seio dos nossos entrevistados não existe uma ruptura entre o tradicional e o moderno, entre o antigo e o novo. Pode-se afirmar que os hábitos e costumes tradicionais continuam bem vivos e a reger os comportamentos colectivos e individuais adaptando-se deste modo a uma nova realidade.

É um facto de que os tempos mudaram, já não se obrigam filhos a casarem-se subordinados as escolhas dos pais. Os pais deixam seus filhos fazerem as suas escolhas de forma individual, mas isto não significa que percam a autoridade de pais, nem que exista uma tendência por parte dos jovens a realizarem casamentos sem a aprovação dos pais.

Chegados a este ponto torna-se pertinente dizer que a diversidade cultural é que determina e condiciona os agentes sociais a adoptar diferentes estratégias no tempo e no espaço, de acordo com as suas necessidades e abertura da própria sociedade para aceitar o que é novo sem, necessariamente, abdicar do que é antigo.

As estratégias socio-culturais são acolhidas e transmitidas pela geração dos mais velhos, mas apesar de se notar uma continuidade das estratégias de casamento verifica-se algumas alterações como resultado da dinâmica interna e externa impostas por processos económicos e políticos.

Podemos afirmar que entre os nossos entrevistados o matrimónio implica a aprovação social, e que as estratégias de casamento tem a ver com as práticas sociais de cada grupo. O casamento continua a ser como um valor supremo que cria um espaço para a continuidade da família.



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Para além do importante papel que desempenha ao estabelecer uma união sagrada entre duas pessoas, entre duas famílias, a aliança matrimonial constitui condição necessária para a perpetuação do nome.



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1. Há quanto tempo são casados?



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

2. Já foram casados antes? Se sim qual foi o motivo da separação?
3. Tem filhos? Quantos?
4. Que importância tem os filhos no casamento?
5. Que tipo de casamento os une?
6. Qual o motivo que os levou a unirem-se?
7. A família teve alguma influência na escolha?
8. Que importância dão ao casamento?
9. O que pensam do divórcio?

Dados Biográficos:

1. Nome
2. Idade
3. Grupo étnico
4. Religião
5. Nacionalidade
6. Profissão
7. Estado civil

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Ligia. (1982). *As assimetrias nas representações do género*. In Revista crítica de ciências sociais 34, pp9-22, Coimbra, Centro de Estudos Sociais.
- BOURDIEU, Pierre. (1992). *A economia das trocas simbólicas*. 3ª edição, São Paulo, Perspectivas.
- BOURDIEU, Pierre. (1976). *Marriage strategies as strategies of social reproduction*: In FOSTER, Robert and RANUM, Orest. *Society, Selection from the Annales, Economies societes, Civilization*, pp.117-144, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press.
- CMCM. (1999). *Cidade de Maputo: localização e limites*. Maputo, Concelho Municipal da Cidade de Maputo.
- FOX, Robin. (1986). *Parentesco e casamento: uma perspectiva antropológica*. Lisboa
- GRANJO, Paulo. (2005). *Lobolo em Moçambique, um velho idioma para novas vivências conjugais*
- GOMES-PEDRO, João (coord) et al, *Bebe XXI*. (1995). *Crianças e família na viragem do século*, Lisboa, Gulbenkian.
- GOODY, Jack. (1987). *The character of kinship*, Cambridge University Press.
- INE. (2003). *II recenseamento geral da população e habitação*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística.
- JUNOD, Henry. (1996). *Usos e costumes Bantu*, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique.
- LIMA-PEDRSO, Maria. (1999). *Grandes famílias grandes empresas*. Lisboa, Perspectiva.
- LOFORTE, Ana. (1996). *Género e poder entre os Tsongas de Moçambique*, Lisboa, ISCTEM.
- MBILINYI, D. and OMAR, C. (1996). *Gender relations and women's image in the media*, Dar-Es-Salaam, Dar-Es-Salaam University Press.
- MEENDA, Ruth. (1992). *Gender in Southern Africa: conceptual and theoretical issues*, Harare, Sapes Books.



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

OLIVEIRA, Carlos.(1976). *Os tauras do vale do Zambeze*, Lisboa, Junta de Investigação Científica do Ultramar.

RADCLIFFE-BROWN, A. e FORDE, Daryll (orgs.) (1982). *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*, 2ª edição, tradução de Teresa Brandão, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

SERRA, Carlos. (2000). *Racismo, etnicidade e poder*, Livraria Universitária, UEM.

WLSA, Mozambique. (1998). *Famílias em contexto de mudança em Moçambique*. Maputo, CES/UEM.